



GEOGRAFANDO O LITORAL SUL CAPIXABA: ENCONTROS E EXPERIÊNCIAS DOS COTIDIANOS ESCOLARES COM A PESQUISA DE CAMPO

GEOGRAPHING THE SOUTH COAST OF ESPÍRITO SANTO: MEETINGS AND EXPERIENCES OF THE SCHOLAR DAILY LIFE WITH THE FIELD RESEARCH

Yuri Victor Melo ¹
Cecília Uliana Zandonadi ²
Roberto Márcio da Silveira ³

RESUMO: A pesquisa proposta originou-se das inter-relações teórico-práticas engendradas no decorrer do Programa Residência Pedagógica e consubstanciou-se a partir da pesquisa de campo para o município de Guarapari-ES, litoral sul capixaba. Este estudo objetiva, por meio da pesquisa de campo, que os/as diversos agentes sociais, estudantes, professores, pedagogos e residentes, compreendam suas realidades, cartografem paisagens, expressem sentimentos, sensibilizem-se com o ambiente e exerçam a empatia e a cidadania. A partir disso, buscou-se desenvolver projetos que justifiquem o fortalecimento da educação prático-teórica e que conduzam o exercício de professorar de forma ativa, viabilizando a práxis no processo formativo. Tal investigação anela superar as adversidades presentes nos processos dialógicos educacionais, notadamente o distanciamento entre os conteúdos curriculares e as vivências e experiências dos agentes sociais. Metodologicamente, utilizou-se o método cartográfico e os estudos nos/dos cotidianos. Como bases teóricas foram utilizadas as pesquisas ambientais e as compreensões educacionais freirianas em hibridismo com as experimentações discentes. Considera-se que a práxis proposta foi enriquecedora para todos os agentes envolvidos, pois os facultou a novas práticas investigativas cotidianas, a uma educação dialógica e lhes sensibilizou para a constituição de outras espacialidades.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa de Campo; Litoral Sul Capixaba; Cartografia.

ABSTRACT: The proposed research originated from the theoretical-practical interrelations engendered during the Pedagogical Residency Program and was based on the field research for the municipality of Guarapari-ES, south coast of Espírito Santo. This study aims, through field research, that the various social agents, students, teachers, educators and residents, understand their realities, map landscapes, express feelings, become aware of the environment and exercise empathy and citizenship. Based on this, it was sought to develop projects that justify the strengthening of practical-theoretical education and that lead to the exercise of teaching actively, enabling the praxis in the formative process. Such research aims to overcome the adversities present in the educational dialogical processes, notably the distance between the curricular contents and the experiences of the social agents. Methodologically, we used the cartographic method and studies in / of everyday life. As theoretical bases, environmental researches and Freirian educational understandings were used in hybridity with student experiments. It is

¹Yuri Victor Melo, Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, ymello@hotmail.com.

²Cecília Uliana Zandonadi, Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, ceciliauli@hotmail.com

³Roberto Márcio da Silveira, Mestrado profissional em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, robertoprofessor1978@gmail.com



considered that the proposed praxis was enriching for all the agents involved, as it provided them with new daily investigative practices, dialogical education and sensitized them to the constitution of other spatialities.

KEYWORDS: Field Research; South Coast of Espírito Santo; Cartography.

INTRODUÇÃO

O presente artigo abarca, como temática principal, a possibilidade de inter-relacionar as espacialidades costeiras com os processos de ensino-aprendizagem em Geografia. Desta maneira, suscetibilizando novas perspectivas metodológicas no campo educacional acerca das potencialidades geográficas, históricas e culturais das paisagens litorâneas.

Esta pesquisa foi inspirada nas trajetórias pessoais e profissionais dos membros do grupo envolvidos no Programa Residência Pedagógica. De acordo com o Ministério da Educação (MEC) (2018) este programa refere-se a:

inicialmente, o Residência Pedagógica é vinculado à formação das disciplinas da Base Nacional Comum Curricular. O programa é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Com o objetivo de aperfeiçoar a formação prática nos cursos de licenciatura, promove a imersão do licenciando na escola de educação básica a partir da segunda metade de seu curso.

A partir disso, buscou-se desenvolver projetos que fortalecessem a educação prático-teórica e que conduzissem o exercício de professorar de forma ativa, viabilizando a práxis no processo formativo. Tal investigação anela superar as adversidades presentes nos processos dialógicos educacionais, notadamente o distanciamento entre os conteúdos curriculares e as vivências e experiências dos agentes sociais. Empecilhos estes que dificultam os aprendizados discentes ao reforçarem a cisão teórico-prática dos saberes e constituem óbices ao efetivo exercício da docência. Destarte, engendrou-se, por meio de diálogos entre o currículo escolar, saberes estudantis e experiências de campo, a proposta pedagógica intitulada Geografando o Litoral Sul Capixaba, mote central das presentes discussões.

Neste contexto, delimitamos uma escola pública de ensino fundamental, localizada no município de Vitória-ES, como nosso campo de pesquisa. Ao pousar sobre o cotidiano escolar, ao senti-lo, ao habitá-lo, tornou-se possível conhecer a sua realidade e criar múltiplos territórios para desenvolver e acompanhar processos. Nos termos de Ferraço e Alves (2015, p. 308), “precisamos considerar, então, que os sujeitos cotidianos, mais do que objetos de nossas análises são, de fato, também protagonistas, também autores coletivos de nossas pesquisas”. Logo, as participações do corpo estudantil dos 8º anos (A e B), da professora preceptora, da equipe pedagógica da escola e dos demais residentes foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.



Visando romper com as bases tradicionais do ensino de Geografia e em busca de uma educação crítica, diversa e libertária idealizou-se a execução de uma pesquisa de campo como ponto focal da proposta político-pedagógica desenvolvida (BARCHI, 2009). O local escolhido para a efetivação da práxis consiste na região litorânea sul-capixaba, sendo o município de Guarapari-ES o *locus* central da prática de pesquisa.

O processo investigativo foi, então, sendo construído a partir de leituras, encontros e narrativas dos diversos sujeitos da pesquisa. As experiências nos possibilitaram, através da pesquisa de campo, que os/as estudantes, professores, pedagogos e residentes leiam o mundo, cartografem paisagens, expressem sentimentos, vivam cooperativamente, percebam o outro, exerçam a cidadania e sensibilizem-se com a vida e com a natureza.

Os movimentos possibilitaram convergências entre o Programa Residência Pedagógica, a Universidade e os cotidianos escolares. Estas vivências nos ensinaram a pensar e problematizar as práticas pedagógicas inventivas, dialógicas, críticas, diversas, libertárias, para além dos contextos formativos nos/dos cotidianos escolares.

As percepções, conceitos e compreensões apresentadas neste trabalho estão embebidas em diversas matizes metodológicas, dentre as quais, destacamos: Passos, Kastrup e Escóssia (2015) objetivam a fomentar o diálogo entre sujeitos, objetos, teorias e práticas, a partir do método cartográfico; Ferraço e Alves (2015), os quais nos possibilitam, de maneira menos estruturada e formal, o desenrolar das potencialidades das redes tecidas pelos sujeitos.

Nossas inspirações teóricas se basearam nas ideias de: Reigota (1999), o qual nos traz diferentes leituras e interpretações para os problemas ambientais, bem como ressalta a importância social da educação ambiental; Freire (1996) que nos orientou analiticamente por todo o desenvolvimento investigativo, subsidiando profundas reflexões acerca dos processos de ensino-aprendizagem; Albino, Coelho, Girardi e Nascimento (2018) destacam acerca da zona litorânea sul capixaba, as inúmeras feições fisiográficas que se apresentam na região de pesquisa, tais com dunas, praias, enseadas, manguezais, baías e estuários que margeiam a costa meridional capixaba.

Ao longo da perquirição, as narrativas, aliadas a outras produções linguísticas, facultaram reflexões e discussões vinculadas às experiências práticas dos processos educacionais. Nesta perspectiva, os/as estudantes, através de suas interpretações, impressões e emoções vivenciadas nos encontros pedagógicos, puderam potencializar a criação do projeto.

Destacamos que nossa proposta pedagógico-metodológica é apenas uma dentre as múltiplas proposições alternativas e libertadoras possíveis de ensino-aprendizagem em Geografia. Nós, enquanto professores, estamos esperançosos em nossa tarefa de transformar realidades por meio da educação, reconhecendo que a efetivação desta prática-teórica se apresenta como, apenas, um dos primeiros passos na constante construção de saberes pedagógicos pertinentes ao trabalho do educador comprometido.

OS FAZERS EM CAMPO: MULTIPLICIDADES CRIATIVAS NAS ESPACIALIDADES APREENDIDAS NO LITORAL SUL CAPIXABA



Ler o mundo, cartografar paisagens, expressar sentimentos, viver cooperativamente, perceber o outro, exercer a cidadania e sensibilizar-se com a vida e com a natureza são algumas das impressões que emergem do encontro escola-campo. Desta convergência insurgem as (geo)grafias inventivas que nos agenciam enquanto parte-substância da constituição dos territórios vividos e experienciados.

Trajetórias geográficas e apreensões paisagísticas

28 de junho de 2019, sexta-feira, 7 horas da manhã; inicia-se o estudo no/do meio. Os primeiros momentos são marcados por movimentos, fluxos, rasuras e diálogos que constituem cenas geográficas. O ônibus aguarda, ao passo que os/as estudantes dos oitavos anos, residentes pedagógicos, professores e pedagogos reúnem-se, discutem os pontos de estudo, preparam os lanches e anseiam expectativas para a ocorrência da pesquisa de campo, referente ao projeto Geografando o Litoral Sul Capixaba. Lugares geográficos são continuamente propostos.

Após alguns minutos de atraso, devido a intercorrências compreensíveis, partimos rumo ao litoral sul do Espírito Santo, mais especificamente, à região costeira do município de Guarapari. Na área de estudo, almejamos melhor compreender geograficamente as feições, dinâmicas e processos costeiros; constituir paisagens-lugares e pesquisar *in situ* a partir dos saberes-fazer⁴ dos cotidianos escolares. Buscamos traduzir, representar, e, ainda, cartografar.

O estudo do meio procede-se mediante a paradas e aprendizados *in loco* em diferentes praias do município de Guarapari-ES. Desta forma, busca-se sensibilizar os/as estudantes das múltiplas possibilidades ensejadas pela compreensão de paisagens e territórios costeiros. As pausas previstas para o trabalho de campo ocorreram nas seguintes praias do município de Guarapari-ES, respectivamente: Praia de Setiba, Praia do Morro, Praia da Areia Preta, Praia das Castanheiras e Praia de Meaípe. No decorrer do trajeto, paradas rápidas e não planejadas previamente foram realizadas na Praia da Bactúia e na Praia de Peracanga.

Dentro do ônibus, pudemos tatear e partilhar as diferentes geografias e cartografias estudantis, percebendo a boniteza, que expressava Freire (1996), nos olhares vívidos e atentos e nas enunciações enfáticas, curiosas e sábias por parte de cada estudante. Cada indivíduo carrega em si seu arcabouço de saberes e práticas, as quais fertilizam a dialogicidade do momento ao compartilharem experiências pretéritas. Nos termos de um estudante: “será muito legal poder conhecer melhor as praias do nosso estado, pois, mesmo morando no litoral, acho que não conhecemos muito bem a região costeira”. Um verdadeiro cartógrafo-pesquisador.

A trajetória de pesquisa é compreendida como alicerce para a pragmática dos saberes-fazer, o indivíduo é parte consonante do método, se lida aqui com

⁴Escrita conjunta inspirada em Alves (2003), a qual se refere ao anseio de suplantação dos signos tipicamente associados ao modelo hegemônico da ciência moderna. Tal terminologia almeja desvelar a dicotomização do saber, comumente presente no referido contexto paradigmático.



representações de mundo e multiplicidades de paisagens vividas. “O cartógrafo, aqui assumido enquanto pesquisador, atua diretamente sobre a matéria a ser cartografada. No entanto, ele nunca sabe de antemão os efeitos e itinerários a serem percorridos” (COSTA, 2014, p. 67).

No decorrer do itinerante, os residentes pedagógicos e professores comentavam acerca de alguns dos elementos e processos observados, instigando a curiosidade e adotando um posicionamento crítico e reflexivo para com tais paisagens geográficas. Nessa dialética, os/as estudantes que, em boa parte, não conheciam pessoalmente nenhum município para além de Vitória, se demonstravam vislumbrados, sábios e conhecedores de uma espacialidade representacional muito vasta destas cidades ainda não exploradas. Nas palavras de um estudante-geógrafo: “antes de realizar o campo, pesquisei no computador e descobri que Vila Velha e Guarapari têm muitas praias, rios, canais, pontes e prédios. São cidades que parecem um pouco Vitória”.

O movimento do ônibus expressa a sintonia da geografia, estudantes e professores tornam-se indivíduos a curiosear as dinâmicas espaciais e a apreciar a visualidade do mundo. Comentários como: “nunca havia visto a Baía de Vitória dessa maneira”, “os prédios de Vila Velha são muito altos” e “como as cidades são poluídas” exemplificam bem a diversidade de significados apreendidos durante o trajeto. As reflexões emergem vividamente.

Ainda em Vitória, foram observados os diversos equipamentos urbanos da capital, os fluxos socioeconômicos que permeiam a cidade e as morfologias físico-naturais do sítio. Muitos estudantes não conheciam o próprio trajeto da escola à Terceira Ponte, principal interconexão da malha viária entre os municípios de Vitória e Vila Velha. O ineditismo das paisagens pôde ser sentido calorosamente por eles.

Passível de destaque vale mencionar o decurso na Terceira Ponte. Simbolicamente um marco para o estado do Espírito Santo, geograficamente uma miríade de paisagens espaciais, o vislumbre estava posto. Mais de vinte geógrafos estavam a postos, e urgiam comentários: “como são bonitos esses morros”, “observem bem o Convento da Penha”, “a Terceira Ponte é a divisão entre Vitória e Vila Velha”, “estou vendo uma paisagem única”.

Grande parte do itinerário perfaz-se no entre de Vila Velha a Guarapari, as morfologias se alteram e as linguagens geográfica, visual e verbal também. São propostos diferentes “quadros geográficos” (GOMES, 2017, p. 43) na interseção entre o eu e as representações do mundo; são formadas geografias perceptivas. O gradiente morfoespacial centro-periferia dos equipamentos urbanos e as modificações no relevo foram alguns dos elementos notados pelos estudantes durante a rota.

As paisagens territorializam espaços no interior do urbano e evidenciam relações de poder. Edifícios verticalizados nas orlas da Praia da Costa, Itapuã e Itaparica; grandes shoppings centers e construção de estradas e rodovias são exemplos dos múltiplos significados apreendidos, refletidos, representados e criticados pelos estudantes no decurso. Uma estudante, em especial, compartilhou conosco parte de suas representações espaciais: “A cidade é um ambiente muito interessante, mas também muito desigual.



Vemos as grandes construções convivendo com as pequenas, ricos com pobres e bastante preconceito”.

Do caminho intermunicipal percorrido, parte significativa apresenta-nos bairros isolados da mancha urbana central de Vila Velha e grandes modificações geológicas e geomorfológicas paisagísticas. Passamos às margens de bairros interessantíssimos, como Barra do Jucu, Ponta da Fruta e Interlagos, os quais acompanhavam o traçado do relevo. Os domínios morfoestruturais do trajeto consistem em depósitos sedimentares e áreas de acumulação fluvial, onde subsiste a sucessão de planícies costeiras quaternárias e tabuleiros costeiros do Grupo Barreiras (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2012) (COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS, 2015).

Após cerca de 40 minutos, aguardamos o semáforo vermelho do retorno para a entrada de Setiba, a primeira praia a ser visitada. Tomando por base nossa elevada ansiedade e a fluída dialogicidade entre os atores sociais, nos munimos de cadernos, canetas, lápis, bonés, máquinas fotográficas e, é claro, os protetores solares (o sol apresentava-se intenso) e nos preparamos para a parada inicial. Lá fomos para a empreitada.

Praia de Setiba, Guarapari-ES: um lugar peculiar

A chegada à Praia de Setiba foi permeada por sensações de alívio, curiosidade e vontade por parte de todos os que lá estavam. Os/as estudantes, notadamente, assumiram-se como estudantes-geógrafos e apresentavam-se alertas em seus raciocínios espaciais e investigativos. A primeira pausa foi o despertar efetivo da pesquisa de campo.

A Praia de Setiba era então esquadrihada por sujeitos diversos, com arcações relacionais individuais e sociais diferenciados e competências variadas em seus processos de apreensão paisagística. A relação sujeito-objeto era então cartografada, geografizada a partir de lugares perceptivos que não isolavam conjuntos estanques de morfologias e processos espaciais; os saberes pretéritos dos/das estudantes embasavam suas fundamentações futuras. Kastrup e Passos (2013, p. 264) bem resumem o espírito da compreensão aqui proposta:

O acesso à dimensão processual dos fenômenos que investigamos indica, ao mesmo tempo, o acesso a um plano comum entre sujeito e objeto, entre nós e eles, assim como entre nós mesmos e eles mesmos. O acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo.

A praia visitada evidenciava um litoral recortado com presença de arcos praias descontínuos entremeados por promontórios cristalinos pré-cambrianos. Ainda, observou-se a disposição de embaixamentos e enseadas, feições que estabeleciam, em geral, uma praia de dinâmica relativamente tranquila e bastante propícia a balneabilidade (ALBINO et al., 2018).

Vale mencionar a observação de afloramentos rochosos litorâneos e a visualização de um tómbolo, feição até então desconhecida por todos os/as estudantes. Sobre os



afloramentos, os/as estudantes puderam explorar o local, instigando-se com a variedade de minerais e rochas, refrescando-se com a brisa marinha e maravilhando-se com as paisagens costeiras. Um jovem estudante-explorador comentou: “como é bonito este lugar! Gosto muito de praias”.

A seguir, conversamos todos acerca do tombolo. A feição não representa uma morfologia rara em nossos litorais, mas pode exigir um olhar atento para ser percebida. Segundo Muehe (1995, p. 255) um tómbolo pode ser definido como “depósito arenoso em forma de banco ou cordão, construído em decorrência de refração e difração das ondas em torno de uma ilha que assim fica ligada ao continente”. Foi bastante interessante perceber os/as estudantes-navegadores navegarem em suas hipóteses para a ocorrência da forma observada e dissertarem suas reflexões acerca dessa morfologia. Nas palavras de uma estudante-geomorfóloga: “o tómbolo é bem curioso, ele faz uma ilha deixar de ser ilha”.

Após momentos de maior dialogicidade e observação focal das morfologias costeiras, os/as estudantes tiveram um tempo para observar à deriva a própria paisagem e constituírem seus lugares individuais. Em posse de nossas anotações, vivências, reflexões e aprendizados, nos despedimos de Setiba, entramos no ônibus e partimos rumo a próxima praia. Em sintonia com o que foi experienciado, um comentário de um sábio estudante resume nosso sentimento acerca do local: “a Praia de Setiba é realmente um lugar peculiar”.

Praia do Morro, Guarapari-ES: um ambiente diverso

Alguns quilômetros à frente e estávamos diante de uma nova praia, a Praia do Morro. Localizada no bairro homônimo, um dos mais populosos do município de Guarapari, esta praia é notável pela grande extensão e volume de seu arco praiial, um dos maiores do litoral sul capixaba. Os/as estudantes encontravam-se encantados com a dimensão daquele local.

Não apenas a praia, mas tudo era diferente de Setiba e lhes remetia a signos patentes de regiões costeiras urbanizadas, a exemplo dos edifícios verticalizados, das movimentadas avenidas e do grande fluxo de pessoas. A orla apresentava uma infraestrutura urbana muito superior se comparada a da Praia de Setiba, com presença de largo calçadão, conservada ciclovia e diversos estabelecimentos comerciais. Os/as estudantes aproveitaram o ensejo para comparar e meditar acerca das morfologias que estavam sendo tateadas.

A Praia do Morro pôde então ser escrutinada por estudantes-geógrafos ávidos pelo saber e motivados por suas curiosidades individuais, os quais elaboraram e compartilharam suas mais diversas representações acerca do ambiente estudado. A poética de uma jovem estudante resume bem os sentimentos que emergiram no local: “a Praia do Morro me faz sentir o movimento da vida”.

Em termos socioespaciais, o bairro da Praia do Morro constitui-se em um importante marco da urbanização do município de Guarapari, principalmente a partir de meados dos anos de 1990, consolidando a produção imobiliária local de grandes edifícios



verticalizados. Este bairro, onde se localiza a tão famosa praia, é um dos mais relevantes polos atrativos do turismo meridional do Espírito Santo, concentrando grandes aglomerados populacionais principalmente em períodos de veraneio (BOUDOU, 2017).

Tomando por base as representações “duras”, “modernas” e ortodoxas ao meio científico do que seja a Praia do Morro e associando-as às considerações e experiências estudantis, pudemos promover um frutífero momento de aprendizado. As reflexões dos/das estudantes foram impressionantes, demonstrando bastante acurácia na inter-relação entre seus saberes cotidianos e as novas representações de mundo apreendidas. Em defesa de uma epistemologia do cotidiano, vale sempre lembrar dizeres de Nilda Alves (2003, p. 2) acerca dessa compreensão contextual:

Em primeiro lugar, entendemos que, ao contrário do que se dá com o modo de criar conhecimentos nas ciências surgidas na Modernidade, essas maneiras incluem de modo inseparável, o fazerpensar, tanto como a prática teórica/prática, em movimentos sincrônicos que misturam, sempre, agir, dizer, criar, lembrar, sentir [...].

Desse modo, pudemos sentir as fortes emoções individuais e coletivas que afloravam no vivenciar do momento. Numa escuta sensível às percepções estudantis, uma estudante comentou: “a Praia do Morro me lembra da Praia de Camburi”, outro estudante por sua vez, geografizou: “observo um espaço diferente aqui, tudo tem outra ordenação”. Vale destacar, também, o encantamento perceptível dos residentes pedagógicos e da Professora Luciane, a qual muito bem expressou: “esse lugar é lindo, os estudantes estão gostando bastante e têm muito a aprender”.

Assim, fundamentando-nos nas paisagens vividas e lugares experienciados, partimos rumo à extremidade setentrional da Praia do Morro, onde realizamos uma parada adicional e muito proveitosa, a visita ao Parque Natural Municipal Morro da Pescaria. Este itinerário consistia na investigação das nuances naturais locais, a partir da feitoria de uma trilha guiada através dos geoambientes associados ao tão famoso Morro da Pescaria.

A trilha foi encantadora e pôde evidenciar a todos os presentes as maravilhas da natureza, demonstrando como tudo está interconectado, sensibilizando-nos da nossa importância enquanto agentes socioambientais e nos desvelando novos saberes. Sob uma postura geográfica, os/as estudantes escrutinaram e cartografaram o local, apreendendo tudo que conseguiam e elaborando suas representações de mundo e suas paisagens-lugares. Como bem resumem os significados do cartografar que acreditamos Kastrup e Passos (2013, p. 266) atestam que:

Se vamos cartografar um território, temos de apreender uma dimensão que vai além do reconhecimento de formas, mas remete aos vetores transversais que lhe dão consistência, ou seja, atmosferas, ritmos, velocidades e intensidades que configuram a dinâmica das formas.

A trajetória percorrida por nós foi profundamente geográfica, representando novos saberes a cada instante perpassado, a cada forma tateada e a cada escuta compartilhada. Como destaque neste estudo do meio, pode-se ressaltar a pausa no mirante



do parque. Neste ponto, o guia nos explanou acerca da importância da conservação da natureza, mais especificamente dos ambientes costeiros e da mata atlântica, além de nos desvendar sobre as modificações socioambientais ocorrentes no município de Guarapari. Por fim, observamos a linda vista do mirante e sentimos a brisa marinha. Nos dizeres de alguns estudantes-geógrafos: “esta é a paisagem mais linda que eu já vi”.

Nas partes finais do trajeto no parque, deparamo-nos com uma bela praia pouco frequentada e relativamente preservada. Esta praia margeava o maciço do Morro da Pescaria e orientava nosso percurso, compondo uma paisagem bastante peculiar. O sistema praiial apresentava larga extensão, areias com grande presença de bioclastos, diversos afloramentos rochosos em suas margens e uma rica biodiversidade florística e faunística. Os/as estudantes estavam curiosos como verdadeiros cartógrafos e a pedagoga e a professora bastante satisfeitas com o andamento do estudo do meio (**FIGURA 1**). Nas palavras da Pedagoga Maria Carolina: “a pesquisa de campo está sendo ótima, os estudantes estão se divertindo enquanto aprendem”.

Figura 1. Estudantes cartografando paisagens na trilha do Morro da Pescaria, Guarapari, ES.



Fonte: acervo dos autores

Por fim, nos despedimos dos funcionários que nos acompanharam e entramos no ônibus rumo ao restaurante para almoçarmos e, posteriormente, partimos para o Centro de Guarapari, onde visitaríamos outras praias. Como bem resumiu um grupo estudantil, neste momento: “fizemos muitas atividades e vimos muitas paisagens nesta parada. A Praia do Morro é realmente um ambiente diverso”.

Entrepasto para o almoço:



Após uma manhã de muitas vivências e experiências produtivas, realizamos nossa tão aguardada pausa para o almoço no restaurante Pilão, localizado na Avenida Praiana, bairro da Praia do Morro. Este momento foi fundamental para descansarmos um pouco e compartilharmos nossos aprendizados e representações de mundo. As palavras de um estudante resumem bem as sensações dos que lá estavam: “a comida está ótima, mas estou ansioso pelas praias que ainda visitaremos”.

Praia da Areia Preta, Guarapari-ES: uma paisagem diferente

Após o interlúdio para as refeições, chegamos ao bairro do Centro de Guarapari e aportamos na Praia da Areia Preta. Esta praia localiza-se à frente de uma zona permeada por edifícios verticalizados, os quais abrigam uma larga praça ao centro. Neste recinto, residem as ruínas do Radium Hotel, outrora referência na hotelaria municipal, além sediar a tradicional feira de artesanatos da região.

Em linhas gerais, Guarapari tornou-se conhecida nacional e internacionalmente, graças à constituição socioespacial do que estudiosos se referenciam como a “cidade-turística”, processo desencadeado a partir do bairro do Centro. A paisagem diferenciada de Guarapari almeja representar e divulgar, para os que visitam o município, a sensação de tranquilidade, a curtição do lazer e o proveito da natureza exuberante como significantes do bem-estar social (JUNIOR e JUNGER, 2009) (BOUDOU, 2017).

Ademais, o significado sociopolítico e econômico adquirido pelas pretensas “areias medicinais” e pelas comunidades de pescadores e artesãos impulsionaram o desenvolvimento urbanístico e turístico regional. Parte significativa desse fenômeno de constituição socioespacial municipal e da urbanização da região central da cidade emerge com a apreensão e a apropriação sociopolítica da Praia da Areia Preta (JUNIOR e JUNGER, 2009) (BOUDOU, 2017).

Na orla urbanizada da praia em questão, realizamos uma pausa próxima aos quiosques e ao letreiro da cidade, com vistas a discutir coletivamente as interferências antrópicas no meio físico-natural. A praia da Areia Preta exemplificou-nos de modo bastante patente esta situação, ao retratar um sistema praias em erosão que nas últimas décadas impactou os equipamentos urbanos de Guarapari mais próximos à orla.

Em parte, este processo erosivo foi intensificado com a exploração das areias monazíticas da região por empresas como MIBRA - Monazita e Ilmenita do Brasil e NUCLEMON – Nuclebrás Monazita, até meados da década de 1980, fato que, por outro lado, engatilhou a urbanização do município (MELO e MACHADO FILHO, 2019). Como bem alertou-nos uma estudante: “devemos nos conscientizar das consequências de nossos atos”.

Para finalizarmos este ponto, pesquisamos na prática os minerais componentes da popular areia escura desta praia, discutindo coletivamente acerca da exuberância da natureza. Os/as estudantes puderam tatear os grãos minerais, percebendo suas diferentes colorações, texturas e tamanhos, propriedades associadas às características específicas de cada mineral (**FIGURA 2**). Assim, os/as estudantes fizeram observações importantes



acerca de três dos principais minerais do depósito sedimentar: o quartzo, a magnetita e a monazita. Nas palavras dos/das estudantes: “o quartzo tem uma cor bem clara e tem muitos grãos”, “a magnetita é bastante curiosa, pois ela parece um imã”; “a monazita é o mais bonito dos minerais, ela tem uma cor bem forte”.

Figura 2. Análise mineralógica das areias monazíticas da Praia da Areia Preta, Guarapari, ES.



Fonte: acervo dos autores

Desse modo, finalizamos nossa parada na Praia da Areia Preta e rumamos à praia vizinha, a notável Praia das Castanheiras. Com toda a certeza, o conhecimento das areias negras de Guarapari instigou bastante à curiosidade discente e promoveu uma verdadeira cartografia de campo. Bem resumindo as percepções estudantis acerca da praia em questão, fica aqui uma relevante frase de um estudante escutada por nós na chegada a esta parada: “a praia da Areia Preta tem uma paisagem diferente”.

Praia das Castanheiras, Guarapari-ES: o espaço onde tudo acontece

Partindo da Praia da Areia Preta, após uma caminhada de poucos minutos, chegamos à Praia das Castanheiras. Localizada no ângulo do bairro Centro de Guarapari, esta praia, apesar de não tão extensa, reúne em suas imediações os principais fluxos socioeconômicos da região. Como muito bem comentaram a Professora Luciane e a Pedagoga Maria Carolina: “a Praia das Castanheiras fica muito cheia no período de férias”.

Este sistema praial reside exatamente à frente dos mais altos edifícios do bairro, margeado por uma das principais orlas da cidade. Este calçadão apresenta-se relativamente bem infraestruturado, com presença de quiosques, bancos, banheiros, iluminação noturna e praças em suas extremidades. Além disso, a orla polariza fluxos populacionais locais com a movimentação de vendedores ambulantes, população em situação de rua, grupos de jovens, famílias, idosos, esportistas e, especialmente, turistas (BOUDOU, 2017). Como atestou-nos um jovem estudante: “parece uma versão reduzida do calçadão da Praia de Camburi”.



Em nossa pausa-movimento, percorremos boa parte da orla da Praia das Castanheiras, constituindo novas cartografias e territorializações a partir das diversas paisagens representadas. Nossa sensibilidade cartográfica pode ser bem resumida nos termos de Barros e Kastrup (2015, p. 61) ao considerarem que "como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos".

Expericiamos coletivamente o vivenciar na Praia das Castanheiras, discutimos horizontalmente os saberes apreendidos e colocamo-nos, cada qual, em posição de humildade epistemológica para com o outro. Nas reminiscências de Freire (1996, p. 25), o autor nos ensina que: "o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros".

Realizamos uma pausa prolongada ao centro da orla da Praia das Castanheiras, a fim de discutirmos as paisagens acerca das morfologias e fenômenos percebidos. Debates sobre a formação rochosa peculiar e característica desta praia, o "extenso afloramento de arenito, com acamamento bem evidente, que representa antiga praia petrificada" (PONTINI et al, 2016, p. 5095) conhecido como "beach rock". Os/as estudantes se impressionaram com tal morfologia, algo inédito para todos. Nos informes de uma estudante-geógrafa: "essas rochas têm muitos buracos que foram feitos pelo mar".

Terminando nossa parada pela Praia das Castanheiras, experienciamos as curiosas paisagens do local, bebendo uma água mineral e observando os diferentes atores e grupos sociais atuantes agirem em seus fluxos socioespaciais. Notou-se como a urbanização acelerada, principalmente a partir de meados dos anos de 1980, imprimiu a este arco praias relativamente estreito e pedregoso um status social que valorizou espacialmente este território, tornando-o o principal polo atrativo da região.

Findando-se nossa parada, retornamos ao ônibus rumo a Praia de Meaípe. A Professora Luciane, a Pedagoga Maria Carolina e os residentes pedagógicos estavam excitados com as paisagens visitadas e com a animação estudantil. Nesta riqueza criativa do momento, ficam aqui os atentos dizeres de um dos estudantes: "a Praia das Castanheiras é o espaço onde tudo acontece".

Praia de Meaípe, Guarapari-ES: o território múltiplo

Como último ponto planejado a ser visitado durante a pesquisa de campo, a chegada à Praia de Meaípe era aguardada com bastante expectativa por todos. Ainda dentro do ônibus, adentramos na rua de terra, pouco movimentada e pacata que margeia o depósito sedimentar praias. Os olhares dos/das estudantes ansiavam por desembarcar no local.

Diferentemente da agitação e do grande fluxo de pessoas presente na Praia das Castanheiras e na Praia da Areia Preta, visitadas na região central de Guarapari, a Praia de Meaípe, situada no bairro homônimo, se demonstrava bastante tranquila em suas imediações. Por outro lado, em consonância com as últimas paradas, a região mais



meridional visitada urbanizou-se à custa do turismo e da divulgação das “areias medicinais”.

Esse processo de urbanização associou-se, em Meaípe, com as mais tradicionais comunidades pesqueiras do município de Guarapari, tornando o bairro, anteriormente marcado pela pesca artesanal, um polo gastronômico de frutos do mar. Desse modo, ladeando a praia instalaram-se, nas últimas décadas, grandes restaurantes de mariscos que convivem com outros estabelecimentos já tradicionais (BOUDOU, 2017).

O setor turístico como um todo se fortaleceu, intensificando a ocupação próxima a orla do sistema praias com residências de classe média, hotéis e pousadas, além de casas noturnas. Assim, consolidou-se a imagem bucólica de uma praia que, em outros tempos, já foi considerada por muitos a melhor praia do estado. Nas palavras de uma perspicaz residente pedagógica: “a Praia de Meaípe passou por grande transformação de seu significado social nas últimas décadas”.

Devido à urbanização desenfreada e a ocupação litorânea das áreas de estoque sedimentar, o bairro vem sofrendo com a ação erosiva marinha. Neste contexto, os/as estudantes puderam perceber de modo patente a dinâmica sociedade-natureza e se conscientizaram do impacto das ações antrópicas nos meios físico-naturais. Como disse um estudante: “a sociedade precisa urgentemente rever o seu processo de ocupação das áreas costeiras”.

Característica marcante também foi a presença abundante de areias pretas, as conhecidas “areias terapêuticas”, no sistema praias de Meaípe. A coloração escura dessas areias se deve a profusão de minerais negros, notadamente ilmenita e magnetita, associados a outros minerais pesados, a exemplo de zircão, rutilo e monazita. Este mineral conhecido por sua radioatividade natural a que se atribui às pretensas propriedades medicinais (NASCIMENTO JÚNIOR, AGUIAR e GIANNINI, 2011).

Os/as estudantes desfrutaram das condições únicas da região para discutirem em grupos, registrarem fotografias, elaborarem hipóteses e investigarem o mundo ao seu redor. Frases como “e isso aqui?”, “é o que a gente estudou na sala?”, “nem imaginava a existência dessas coisas tão perto da gente”, foram bastante escutadas por nós enquanto apreendíamos paisagens e elaborávamos novos lugares. Como alicerces para nossas concepções educacionais, vale sempre ressaltar as palavras de Freire (1996, p. 33):

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Por fim, carregando conosco incontáveis experiências e diversas representações de mundo, retornamos ao ônibus imaginando partir diretamente rumo a Vitória. Todavia, aproveitamos o caminho e, nesse ensejo, realizamos mais uma parada rápida, não planejada anteriormente, em duas praias fronteiriças entre si, a Praia da Bacutia e a Praia de Peracanga. Os termos de um residente pedagógico destacam bem as diversas paisagens tateadas no bairro de Meaípe: “a Praia de Meaípe é verdadeiramente um território múltiplo”.



Praia da Bacutia e Praia de Peracanga, Guarapari-ES: uma região única

Ao rumarmos a norte em direção a capital estadual, perpassamos pelo bairro da Enseada Azul, quando, em boa oportunidade, a Professora Luciane e a Pedagoga Maria Carolina solicitaram ao motorista que fizéssemos uma parada extra na região limítrofe entre a Praia da Bacutia e a Praia de Peracanga. Os/as estudantes adoraram e pudemos conhecer mais duas praias.

Ambas as praias apresentam características socioespaciais relativamente comuns entre si, constituindo o âmago do corredor litorâneo que se denomina, homonimamente ao bairro, a Enseada Azul. A urbanização local se deu notadamente a partir dos anos 2000, sendo a mais recente dentre os bairros visitados. Tal desenvolvimento urbano apresentou como especificidade a presença de condomínios horizontais de classe média alta, os quais são normalmente resididos em períodos de vilegiatura por moradores da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) (BOUDOU, 2017). Desde a nossa chegada, os/as estudantes já percebiam as particularidades destas praias. Nos termos de uma jovem estudante:

Essas praias são muito diferentes das praias que eu conheço em Vitória. Por aqui, parece que tudo é bem conservado. Consigo ver bastante mata preservada ao redor de um largo calçadão, além de muitas lixeiras, escadas, acessos, placas e praças. As praias parecem ter a água limpa, uma areia clara e poucas ondas. É bem estranho isso para mim.

Desse modo, o perfil da orla litorânea era outro, bastante elitizado e aparentemente desvinculado da agitação e constante fluxo de pessoas de outras regiões anteriormente visitadas. As praias localizavam-se à frente de edifícios e condomínios pomposos, com pequena presença de estabelecimentos comerciais, ausência de setor terciário informal e presença regular de policiamento. O calçadão dispunha de ótimas condições infraestruturais, com presença de lixeiras e diversos acessos ao cordão arenoso, e a vegetação de restinga encontrava-se cercada e bastante preservada, inclusive ladeada por placas de orientações aos transeuntes. Nas palavras de um estudante-pesquisador: “esta praia não é para todos”.

Nestes pontos, pudemos perceber como as diferentes apropriações e valorizações socioespaciais de um terreno podem influir na constituição de seus territórios e paisagens. Discutimos sobre que agentes sociais interferiram na constituição daquele espaço geográfico e quais as suas semelhanças e diferenças em relação aos espaços de vivência estudantil. Foi uma experiência mágica para todos os presentes.

Os/as estudantes tiveram um merecido tempo para apreciar a paisagem, caminhar no calçadão e debater entre si enquanto se tranquilizavam da ansiedade vivenciada durante toda a pesquisa de campo. Após uma boa hidratação e um momento coletivo recheado de conversas e fotografias, entramos no ônibus e, desta vez sim, em retorno a escola. Não poderia ser mais feliz a escolha por finalizar o campo com a parada nestas duas belíssimas praias. Nos dizeres de um estudante: “visitar a praia da Bacutia e a praia de Peracanga me acalmou bastante. Aqui realmente é uma região única”.



O retorno das experiências

Posterior ao estudo em campo, o momento no ônibus de retorno à escola foi bastante enriquecedor. Os/as estudantes estavam bastante satisfeitos e impressionados com o que tinham visto, sentido, cheirado, ouvido e tateado do mundo. Havia elaborado novas paisagens que estavam sendo continuamente compartilhadas entre os colegas de classe. Dizeres como: “este estudo do meio foi incrível” e “foi a melhor pesquisa de campo que eu já realizei” foram recorrentes.

O contentamento da Professora Luciane, da Pedagoga Maria Carolina e dos residentes pedagógicos também era explícito. Todos os presentes haviam se transformado com a experiência de se apreender geograficamente paisagens litorâneas do município de Guarapari e perceber a riqueza que o planeta Terra pode nos presentear neste pequeno e próximo recorte espacial de estudo.

Como bem nos lembra a obra literária do Pequeno Príncipe: “(...) e lançou um olhar, em torno de si, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão majestoso” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 56). Esperamos que o estudo do meio tenha estimulado a todos uma visão mais encantadora, inventiva, criativa e crítica das múltiplas paisagens, lugares e territórios que o mundo pode nos propiciar. Temos certeza de que a geografia adquiriu novos significados para cada estudante.

As sábias palavras de um estudante vislumbrado com as experiências vivenciadas resumem bem o sentido do estudo do meio:

Essa pesquisa de campo foi a melhor viagem que eu já fiz. Passear e estudar ao mesmo tempo com meus amigos e com os professores foi muito legal, pois conseguimos aprender várias coisas. É bastante divertido explorar o mundo, fazer trilhas, visitar praias, almoçar no restaurante, fazer lanches compartilhados e conversar com os colegas. Com certeza, pude conhecer muito mais da minha realidade. A matéria de geografia se tornou muito mais encantadora na prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das considerações experienciadas e apreendidas no decorrer do processo investigativo, considera-se que o ato de aprender e ensinar Geografia nos cotidianos narrados e vivenciados foi suficiente para molhar, como uma onda, o pensamento estudantil. Em nossa proposta, desejamos que cada grão de areia, tateado em cada praia do litoral sul capixaba, desperte nos cotidianos dos/das estudantes-geógrafos uma chama para a busca do saber.

A pesquisa de campo consubstanciou-se como dinâmica basilar ao compartilhamento de saberes. Os territórios cartografados não representaram apenas o terreno da cotidianidade, todavia inter-relacionavam-se com os agenciamentos e com a constituição de profusas subjetividades. As cartografias de vida preenchem e enriqueciam os interstícios da prática, a partir do fluxo horizontal de partilhas.



Ademais, a pesquisa de campo evidenciou-nos a importância do estabelecimento de relações sadias, honestas e empáticas no bojo dos processos de ensino-aprendizagem. Salienta-se que práticas aparentemente simples podem assumir valores semânticos destacáveis nos percursos formativos dos/das estudantes, porquanto cada empiria apresenta-se e é representada por um determinado modo de ser e estar no mundo.

(In)concluímos este projeto satisfeitos com o trabalho desenvolvido, almejando, sempre, uma educação crítica, libertadora e diversa. Assim, encontramos-nos esperançosos em nossa tarefa de transformar realidades por meio da educação, reconhecendo os saberes estudantis e suas experiências correlatas como basilares para a materialização de um ensino mais justo, horizontal e democrático.

REFERÊNCIAS

ALBINO, J.; COELHO, A. L. N.; GIRARDI, G.; NASCIMENTO, K. A. Espírito Santo. In: MUEHE, D. (Ed.). **Panorama da erosão costeira no Brasil**. Brasília: Ministério de Meio Ambiente (MMA). 2018. p. 433-476.

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Teias**: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003.

BARCHI, R. Uma Educação Ambiental Libertária. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, ano 2009, v. 22, p. 69-85, 8 set. 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; DA ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BOUDOU, C. J. **Da “cidade-saúde” à “cidade-turismo”: a invenção da praia turística de Guarapari (ES) - uma Geografia Histórica dos usos do litoral**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE.

COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS - CPRM/SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Geologia e Recursos Minerais do Estado do Espírito Santo**: texto explicativo dos mapas geológicos e de recursos minerais. Belo Horizonte: CPRM, 2015.

COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV - Santa Maria** - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. As Pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Revista ESPAÇO DO CURRÍCULO**, Paraíba, ano 2015, v. 8, n. 3, p. 306-316, 1 dez. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1996.

GOMES, P. C. C. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **Nota Técnica 28 - Mapeamento geomorfológico do estado do Espírito Santo**. Vitória: IJSN, 2012.



JUNIOR, L. E.; JUNGER, A. P. O lado turístico de Guarapari: tradições e cultura. **Pesquisa em debate. São Paulo. Edição Especial**, p. 1-16, 2009.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal Revista de Psicologia.**, v. 25 – n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013.

MELO, Y. V.; MACHADO FILHO, L.. Mineralogia de areias monazíticas de praias do litoral sul do estado do Espírito Santo. In: Simpósio de Geologia do Sudeste, 16., 2019, Campinas/SP. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2019. p. 116.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Capes dá início ao pagamento de bolsas da Residência Pedagógica.** Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/68871-capes-da-inicio-ao-pagamento-de-bolsas-da-residencia-pedagogica>>. Acesso em 03 de novembro de 2020.

MUEHE, D. Geomorfologia Costeira. In: GUERRA, A. J. T; CUNHA, S. B. (Orgs.). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 253-308.

NASCIMENTO JÚNIOR, D. R; AGUIAR, V. A. P; GIANNINI, P. C. F. **Minerais pesados das areias praias de Guarapari (ES): distribuição, proveniência e fatores de risco à saúde.** In: XIII Congresso da ABEQUA, Búzios, 2011, 1 CD-ROM.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

PONTINI, V. V.; CASTRO, I. F. ; SILVA, A. F. ; MACHADO FILHO, L. . Roteiro Didático Geológico/Geomorfológico Vitória - Setiba - Guarapari - Ubu (ES). In: Congresso Brasileiro de Geologia, 48., 2016, Porto Alegre/RS. **Anais...** São Paulo/SP: Sociedade Brasileira de Geologia, 2016. p. 5095.

REIGOTA, M. **Ecologistas.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009.